



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS DE GUARABIRA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

JOSE JORDAN SANTOS DE LIMA

RAFAEL DE CARVALHO: NA ARTE E NA POLÍTICA, UM ATOR DAS
CAUSAS LIBERTÁRIAS

GUARABIRA
2019

JOSE JORDAN SANTOS DE LIMA

RAFAEL DE CARVALHO: NA ARTE E NA POLÍTICA, UM ATOR DAS
CAUSAS LIBERTÁRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à coordenação do Curso de História da
UEPB, Campus Guarabira, como requisito parcial a
obtenção do Título de Graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, José Jordan Santos de.
Rafael de Carvalho [manuscrito] : na arte e na política, um ator das causas libertárias / Jose Jordan Santos de Lima. - 2019.
21 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, Departamento de História - CH."
1. Comunismo. 2. Repressão. 3. Cultura Popular. 4. Televisão. I. Título

21. ed. CDD 320

JOSE JORDAN SANTOS DE LIMA

RAFAEL DE CARVALHO: NA ARTE E NA POLÍTICA, UM ATOR DAS
CAUSAS LIBERTÁRIAS

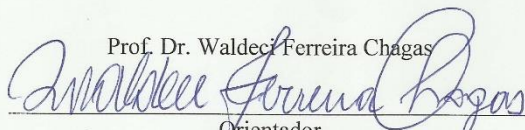
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado
à Coordenação do Curso de História da UEPB, Campus
Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título
de Graduado em História.

Linha de Pesquisa: História Cultural e Cidade.

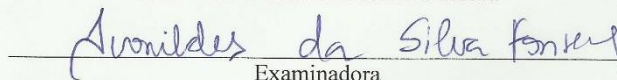
Aprovado em 30/10/2019.

BANCA EXAMINADORA

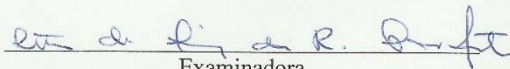
Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas


Orientador
(UEPB/DH)

Prof.^a. Dr.^a. Ivonildes da Silva Fonseca


Examinadora
(UEPB/DE)

Prof.^a Dr.^a Rita de Cassia da Rocha Cavalcante


Examinadora
(UEPB/DE)

RAFAEL DE CARVALHO: NA ARTE E NA POLÍTICA, UM ATOR DAS CAUSAS LIBERTÁRIAS

RAFAEL DE CARVALHO: IN THE ART AND POLICY AN ACTOR OF LIBERTARIAN CAUSES

Jose Jordan Santos de Lima¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é narrar a trajetória de vida do ator paraibano Rafael de Carvalho, principalmente sua atuação no teatro e TV, além de sua participação como ativista político. Para realização recorreu-se aos jornais da década de 1960/70, e analisou-se as manchetes referentes a esse ator, além de documentos do SNI – Serviço Nacional de Informação, os quais tratam da sua prisão. A documentação revelou a participação desse ator no cenário cultural, político e intelectual, dos anos de 1970 a 1981. Rafael de Carvalho era natural da cidade de Caiçara no estado da Paraíba de origem pobre se destacou nos programas de rádio e televisão da década de 70/80, ao mesmo tempo que era membro do Partido Comunista Brasileiro, o que não passou despercebido pelos veículos de repressão do regime militar. Porém na medida que buscou recordar suas origens assim como tratar de seus ideais políticos nas suas obras, passou a ser criticado pela elite intelectual em virtude de uma “carência acadêmica” em seus discursos. Das suas várias obras impressas um enfoque foi dado ao livro Boi da Paraíba de 1971 onde Rafael busca tratar de questões culturais recordando tradições de sua terra natal à medida que deixa sua marca no cenário brasileiro do período.

Palavras-chave: Comunismo. Repressão. Cultura Popular. Televisão

ABSTRACT

This work aims to narrate the life trajectory of the paraibano actor Rafael de Carvalho, mainly his performance in theater and television, besides his participation as a political activist. For this work we resorted to the newspapers of the 1960/70 period and analyzed the headlines referring to this actor, as well as documents from the National Information Service (SNI) that refer to his arrest. The documentation revealed the participation of this actor in the cultural, political and intellectual scene, from 1970 to 1981. Rafael de Carvalho was born in the city of Caiçara in the state of Paraíba, he was from a poor family and he stood out in the radio and television programs of the decade of 70/80 at the same time that he was a member of the Brazilian Communist Party, which was not unnoticed by the repression services of the military regime. However, as he sought to recall his origins as well as to address his political ideals in his works, he came to be criticized by the intellectual elite for his "academic need" in his speech. Among his many printed works, he focuses on the book Boi da Paraíba of 1971, in which Rafael seeks to address cultural issues by recalling the traditions of his homeland as he leaves his mark on the Brazilian scene of the period.

Keywords: Communism. Repression. Popular culture. Television

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: jordan4045@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Devido à falta de reconhecimento por parte da população, no ano de 2011 foi realizada na cidade de Caiçara-PB uma exposição sobre um filho dessa cidade de quem pouco se ouvia falar. Para tanto, houve um projeto chamado “Caiçarense do Mês” que buscou revisitar a história de cidadãos que se destacaram por seu trabalho, esse projeto foi gerenciado por membros do Grupo Atitude; ONG que atua na cidade, sobretudo, na área cultural e educacional. Os organizadores do projeto são professores/as da cidade e/ou estudantes egressos da UEPB e do Curso de História.

Na exposição foi apresentada ao público o filho ilustre de Caiçara, Rafael de Carvalho; um multiartista que se destacou nas produções cinematográficas, pois atuou em 35 filmes nacionais, com destaque para “Fogo Morto” produção cinematográfica baseada na obra do romancista paraibano José Lins do Rego, “Macunaíma”, baseado na obra de Mario de Andrade, e “Eles não Usam Black-tie”, além de ter atuado em várias novelas como a primeira versão de “Saramandaia” e vários seriados de comédia como “Chico City”. Ele também era músico e compôs canções que inclusive traziam recordações da Paraíba e de sua cidade natal Caiçara.

Porém na carreira de Rafael de Carvalho, o que mais surpreende são os escritos, pois através de suas obras demonstrou seu lado nacionalista e lutou com palavras durante um dos períodos mais injustos da história brasileira, a ditadura militar de 1964. Dentre a produção literária desse artista é relevante a variedade de cordéis, entre eles se destaca um cordel com 63 páginas que versa sobre as Ligas Camponesas.

Por isso, nesse artigo nosso foco é Rafael de Carvalho. Sua vida, produção artística e atuação política, visto essas duas áreas onde ele atuou não estarem dissociadas. Trata-se de um intelectual, artista e cidadão importante no cenário da cultura paraibana e nacional, principalmente nos anos de 1950 a 1981. Porém pouco conhecido pela academia, pois poucos estudos citam suas obras, ou recorreram-na como fonte de pesquisa.

Acreditamos que a exposição sobre vida e obra desse multiartista tenha despertado o interesse de pesquisadores/as, ou seja, acadêmicos integrantes da Academia Paraibana de Letras, Academia de Cordel do Vale do Paraíba, Academia Paraibana de Cinema, assim como de estudantes de História e de outras áreas de conhecimentos, sejam estes da UEPB, ou de outras instituições de ensino superior.

Nas múltiplas narrativas da história nacional há sujeitos que merecem um pouco mais de atenção por contribuírem com a história não somente como cidadãos brasileiros, mais também como artistas e políticos. Rafael de Carvalho, paraibano natural da cidade de Caiçara é um

desses sujeitos e cidadão paraibano e brasileiro que merece ter sua história conhecida por todos os/as brasileiros/as.

O que o torna um cidadão para além do comum é o fato de ele ter associado arte e política com a perspectiva educativa. Em função disso, torna-se essencial conhecer a sua história, sobretudo, os papéis que ele exerceu na vida, nos palcos de teatros e nas telas de TV. Ele não construiu nenhuma obra física faraônica, mas ajudou outras pessoas a construir uma visão diferente do lugar onde moram e do Brasil durante o período da ditadura militar.

Diante dessas considerações recordamos o quanto pode ser difícil para o leitor se sentir parte de uma história da qual não se fez presente, e que à primeira vista parece não ter importância por ter ocorrido num tempo e espaço diferentes do que rotineiramente vive e habita.

O vínculo estabelecido com os sujeitos que viveram em tempos outrora serve como ponto de partida para construção das ações no tempo presente, uma vez que na história passado e presente não são dissociados. Com isso não afirmamos que o presente é uma continuidade do passado, e no passado não estão as respostas dos problemas presentes, visto que a história é filha do seu tempo, conforme sustenta Le Goff. Mas sempre que olhamos o passado o ressignificamos a partir das questões presentes.

Nesse fazer o historiador exercita a íntima relação com o seu objeto de estudo, ou seja, com o tempo passado e presente, portanto, fica difícil não se questionar sobre o que seria o passado sem as fontes, uma vez que a partir destas esse profissional consegue se deslocar de um tempo para algum outro tempo e espaço da história. De fato, a história não seria capaz de reproduzir determinados acontecimentos com exatidão, tendo em vista a carência das fontes e os indeterminados pontos de vista de sujeitos sobre um episódio ocorrido.

Essa perspectiva de escrever a história se contrapõe a justificativa da verdade na história pensada pelo positivismo que sustentou por um período a compreensão da história como a ciência da verdade, e buscou retratar os acontecimentos de forma descritiva e muitas vezes descartou a visão do outro sobre o ocorrido. Esse tipo de método de se escrever a história foi usado também para justificar e dar sustentação aos discursos autoritários, cujas instituições muitas vezes construíram as fontes que lhes eram convenientes para afirmar as verdades necessárias.

Hoje, frente a variedade das fontes, o historiador se depara com cenários e sujeitos extremamente contraditórios, pois onde outrora havia a fabricação de documentos a pedido das instituições de poder, o uso das fontes populares se tornaram relevantes, o que se tem então é uma variedade de pontos de vista alternativos que oferecem sustentação aos documentos que contradizem o poder instituído.

Neste artigo revisitamos o passado com os olhos das classes populares na busca de escrever outras histórias e trazer para o palco sujeitos até então silenciados, mas nunca esquecidos. Pois por trás de todo silêncio tem algo, sobre o qual não se quer dizer. Nenhum silêncio é vazio e despercebido. Partimos desse ideal e recorreremos as considerações do historiador Thompson, quando afirma que a história deve ser vista não somente pelos olhos de uma elite, mas também pelos olhos daqueles que devido à forte predominância de uma história elitista oficial foram colocados à margem e ao esquecimento.

Nesse sentido revistar os lugares de memória e trazer os aspectos culturais e ideológicos dos indivíduos que foram colocados nesse estado é uma tarefa necessária, porém árdua, tendo em vista a falta de fontes que remetam a esses sujeitos e as tramas nas quais estiveram envolvidos. O processo histórico aponta que há exceções, e Rafael de Carvalho é um caso desses. Talvez a sua exceção se deva ao fato de esse sujeito ter trabalhado com a palavra falada, mas também escrita para enunciar, denunciar, conscientizar, educar e politizar as classes populares. Devido a essa sua condição, dificilmente esse sujeito poderia ser esquecido pela sociedade brasileira e, sobretudo, pela imprensa. Seu legado cultural e político é considerável e relevante para se pensar e escrever a história do Brasil na perspectiva das classes populares, principalmente por se tratar de uma pessoa, um artista de origem humilde mas que brilhou nos palcos de teatro, nas telas de TV e cinema e na gestão de política cultural popular, pois foi presidente da primeira diretoria do Centro de Estudos Folclóricos do Rio de Janeiro, e não se esqueceu de sua origem nordestina e paraibana, fato esse demonstrado em suas produções literárias.

ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE RAFAEL DE CARVALHO

Manuel Rafael de Carvalho, nasceu em 1918, na cidade de Caiçara, na Paraíba. Filho de Francisco Rafael de Carvalho e Maria Alves de Carvalho, seu pai era conhecido como leiloeiro em leilões que ocorriam durante as festividades da cidade, tanto pai quanto mãe eram analfabetos. Por volta dos quinze anos de idade Rafael fugiu de casa e, ao omitir a menor idade, se alistou ilegalmente no Exército Brasileiro onde serviu na 22º Batalhão de Cavalaria na cidade de João Pessoa. Em seguida foi transferido para o 30º BC na cidade do Recife onde fez aulas de cantos (Diário de Notícias, 11 abril de 1960).

Rafael de Carvalho serviu o Exército Brasileiro por cerca de 2 anos, após dar baixa no serviço militar foi forçado a retornar a Caiçara devido à falta de condições financeiras para se manter no Recife. No decorrer de um ano de trabalho na agricultura na sua terra natal, onde

arou a terra com enxada, retornou à cidade do Recife em busca de uma vida melhor. Nessa cidade passou fome e teve que trabalhar arduamente até que conseguiu dinheiro e partiu com destino a Salvador no estado da Bahia (Diário de Notícias, 11 abril de 1960).

Não se sabe o motivo específico de suas duas partidas da Paraíba. As fontes mencionem que seu pai era agricultor e a sua saída da Paraíba provavelmente esteja relacionada ao fenômeno da seca de 1930, visto que nessa época se registrou um alto índice migratório da Paraíba para outros estados do Brasil, principalmente os da região Sudeste.

Foi em Salvador que as oportunidades começaram a surgir, mas até então ele continuava passando fome em uma hospedaria que mal tinha dinheiro para pagar. Em Salvador se apresentou como calouro em um programa de rádio do humorista Zé Trindade, o prêmio que ganhou foi 50 cruzeiros e uma cama. O reconhecimento como cantor permitiu que ele voltasse a estudar e a morar de favor nos fundos de uma escola de música onde trabalhava simplesmente para pagar pelas aulas, e se alimentava dos mamoeiros que tinha no pátio da escola ao mesmo tempo que trabalhava de copista a 500 réis por partitura (Opinião p. 20, 8 outubro de 1973).

Durante oito anos de estudos musicais Rafael ficou relativamente conhecido por seus cantos nas igrejas e em festas. No centenário de Castro Alves na cidade de Salvador houve um concurso de poesia e uma premiação promovida pela Academia Baiana de Letras. O valor do prêmio fora de mil cruzeiros e cem mil exemplares da poesia impressa, Rafael foi o vencedor com um poema sobre Castro Alves. Como resultado desse concurso acabou por conseguir um emprego na indústria “General Electric” de estoquista, e com fechamento da filial na Bahia foi transferido para o Rio de Janeiro. Devido a brigas internas acabou por ser demitido, novamente voltou a passar fome, ficou conhecido por se apresentar em programa de calouros de rádio porem só veio a receber um salário de 30 cruzeiros ao começar a trabalhar como contrarregra em uma novela. Seu principal trabalho era imitar um vira-lata, Rafael queria ganhar mais e tentou sem sucesso pedir aumento, como não foi atendido pediu demissão. Depois acabou por conseguir um emprego de varredor, e se apresentou em um programa chamado “Onde está o Poeta”, fez sucesso e foi elogiado pela crítica. Como resultado disso três meses depois conseguiu o seu primeiro contrato como cantor, radio ator e corista recebendo um salário de 1.200 Cr\$ (Um mil e duzentos contos de reis), logo depois partiu para as telas da televisão onde passou a fazer sucesso (Opinião p. 20, 8 Outubro de 1973).

Se tem notícias de suas atuações nas seguintes redes de televisão em vários programas e novelas onde interpretou vários personagens: TV Excelsior com “A Cidade se Diverte” e “Coral dos Bigodudos”, TV Rio, programa “Noites Cariocas”. TV Tupi, prefeito Torquato, de “Chico City” (programa de Chico Anysio). Na Rede Globo “O Bem Amado” (1973), “Gabriela” (1975)

e “Saramandaia” (1976). Participou ainda da primeira versão de Roque Santeiro que começou a ser gravada em 1975, mas a censura do governo militar a proibiu de ir ao ar. Na TV Bandeirantes, fez as novelas “Cavalo Amarelo” (1980) e “Rosa Baiana” (1981).

RAFAEL DE CARVALHO, O ARTICULADOR POLÍTICO E CULTURAL

Rafael de Carvalho ainda pode ser considerado um agente cultural, sobretudo, porque atuou num período de grades transformações sociais, políticas e culturais no Brasil dos anos 1960/1970, e demonstrou claramente nas suas produções artísticas sua posição ideológica frente ao modelo político imposto pelo golpe militar de 1964. Por isso, foi um dos vários perseguidos e presos por esse regime. Colecionou não só a perseguição do regime, mas também o desprezo de alguns intelectuais pouco afeitos as suas posturas políticas, que o viam como:

{...} Figura controvertida no meio do cordel, foi renegado pelo estudioso e arquivista Augusto de Almeida, que, em 1990, apontou a falta de repercussão de seu trabalho entre os leitores de cordel, a gente do povo, um público “pouco interessado em tais temas de miséria social”. Concordamos que “quem gosta de miséria são os intelectuais; o povo gosta de riqueza” e que pouco importam os pseudo-autores, intelectuais de esquerda que usam o formato de cordel para predicar sua mensagem, sem ser verdadeiros poetas. (CURRAN, p. 169, 2001)

Em pesquisa no acervo online do Arquivo Nacional, Rafael de Carvalho é citado em vários documentos como sendo militante do Partido Comunista e um dos integrantes do Departamento Cultural desse partido. A justificativa de sua prisão está relacionada ao perigo que ele representava a democracia brasileira, ou seja, em pleno curso do regime militar, o que chegou a ser relativamente irônico, pois vejamos trechos do documento denotativo da prisão desse artista:

Pelos documentos apreendidos em poder dos indiciados, e em suas declarações perante este IPM, verificasse o empenho do partido, em procurar por todos os meios recrutar e organizar todas as categorias de intelectuais, com o objetivo de através dos mesmos, aplicar o programa político MARXISTA-LENINISTA, visando a destituição do REGIME DEMOCRÁTICO BRASILEIRO, para implantar um regime comunista, principalmente através da imprensa falada e escrita, setor artístico, científico e classe estudantil em geral (Arquivo Nacional AC ACE 47795/72 ANF 1/1, p. 5, 11 de jul. 1972).

Rafael de Carvalho também é apontado por meio do depoimento de outro indiciado de nome Leandro Augusto Marques Coelho Konder, como sendo “um dos membros do Comitê

Cultural – Seção Guanabara, do PCB, onde adotava o codinome de BELOIANES”. Nessa época ele já era conhecido por seus trabalhos “Canto da Paz” de 1962 e “Cantando a Revolução” de 1964, ambos considerados pelo regime militar trabalhos de viés comunista, o que acabou resultando em sua prisão em 16 de março de 1972 (Arquivo Nacional AC ACE 47795/72 ANF 1/1, p. 16 e 17, 11 de jul. 1972).

Outro documento desse mesmo mês visava informar a respeito das investigações sobre o Comitê Cultural do PCB. Os dados sobre Rafael de Carvalho são citados e referenciados, nome do pai, nome da mãe, data de nascimento, e sua participação no Festival da Juventude de 1952 e do Festival Internacional de Estudantes de Bucareste. Além de sua breve passagem de oito dias na União Soviética; um ponto curioso desse documento é a forma como Rafael de Carvalho é caracterizado: “elemento perigoso procura se infiltrar nos meios das massas e se insinua para difundir as ideias comunistas obedecendo a determinações superiores” (Arquivo Nacional AC ACE 48223/72 CNF 1/1, p. 13, 24 de jul. de 1972).

A história da perseguição política de Rafael de Carvalho não parou por aí, pois em 1980 ele foi novamente citado nos arquivos oficiais com referência a sua participação na peça teatral infantil “Os Saltimbancos”, de Chico Buarque de Holanda:

Citação 1:

b. Quanto ao OPERÁRIO:

- E explorado e espezinhado, mas quando se enfurece pode reagir violentamente. O JUMENTO, representado por RAFAEL DE CARVALHO, substitui o texto original, em alguns pontos, pelo nome LULA: "O grande malandro da praça trabalha, trabalha de graça.
- Não agrada a ninguém.
- Nem nome não tem.
- E manso e não faz pirraça.
- Mas quando a carcaça - ameaça rachar.
- Que coices, que coices, que coices que da". (Arquivo Nacional AC ACE 11404/80 CNF 1/1, pag. 03, 08 set de 1980)

Citação 2:

3. No dia 02 AGO, sábado, na sessão das 1530 horas, o teatro estava ocupado em 1 /3 e 30% dos presentes eram adultos. Aproximadamente 10 minutos antes do início do espetáculo, RAFAEL DE CARVALHO, que na peça faz o papel de JUMENTO, elemento fartamente conhecido como membro do PCB (ainda recentemente participou da criação do CENTRO DE MEMORIA SINDICAL e, quando do regresso de LUIZ CARLOS PRESTES ao BRASIL, leu no Aeroporto poemas escritos para homenagear aquele líder), teceu duras críticas aos governos estadual e federal, tais como:

- "Eu além de ator, sou poeta e ser poeta nessa terra de opressão é muito difícil, e já paguei meu tributo por isso";
- "O Governo que é muito rico, tem dinheiro sobrando e não tem dívida externa, entregou a LIGHT para os alemães, numa atitude de extrema bondade";

- "O Governo aplicou uma fortuna na compra do porta-aviões..., que não passa de um ferro velho, e enquanto isso o povo passa fome".

Após essas críticas RAFAEL DE CARVALHO promoveu a venda de folhetos com trabalhos de sua autoria, alegando que assim agia, porque nenhuma editora havia se prontificado a editá-los, já que todos traziam uma mensagem anti-governo.

O público presente reagiu favoravelmente aplaudindo e adquirindo os folhetos. (Arquivo Nacional AC ACE 11404/80 CNF 1/1, pag. 04, 08 set de 1980).

Rafael de Carvalho ainda teve seu nome mencionado em uma matéria do jornal oficial do Partido Comunista, "Voz Operaria" documentada em arquivo oficial (Arquivo Nacional ASP ACE 9464/81 CNF 1/1, p. 04, 30 de nov. de 1981). A matéria publicada nesse periódico se refere a uma homenagem a esse ator devido ao seu falecimento ocorrido em 02 de maio de 1981, vítima de um infarto durante as gravações da novela Rosa Baiana.

RAFAEL DE CARVALHO, O ESCRITOR

Rafael de Carvalho possui produções textuais que em muito se destacam pois não é comum a produção de "cordéis" de sessenta e cinco páginas, principalmente destinado aqueles tidos como desfavorecidos pelo sistema político e econômico dos anos 1960, ou seja, os trabalhadores rurais vinculados as Ligas Camponesas.

Nesse sentido não nos distanciamos dos estudos recentes, principalmente os que propõem o esgotamento das distinções entre cultura popular e erudita, e destacam o conceito de circularidade cultural proposto por Ginzburg. São nesses estudos que nos acostamos para refletirmos sobre a produção literária de Rafael de Carvalho, e assim demonstrar como o erudito e o popular são partes do mesmo processo.

Problemática semelhante identificamos na obra "Boi da Paraíba", escrita por Rafael de Carvalho em 1971. Nessa obra é notável a carência de ideais políticos desse autor, principalmente se for levado em consideração o ano de publicação, ou seja, 1971, ápice do regime militar e da ditadura no Brasil, sobretudo, por ter sido Rafael de Carvalho um defensor dos Movimentos Sociais, em especial das Ligas Camponesas, e, portanto, adepto das ideais nacionalistas e comunistas. Nessa obra é surpreendente a omissão política desse autor.

A produção literária de Rafael de Carvalho, provocou polêmica entre os críticos e na época da publicação da obra o "Boi da Paraíba", sobre ele disse um crítico:

A obra de Rafael de Carvalho é pequena. E ainda boa parte dela se perdeu, queimada por ele mesmo, no início da revolução de 1964. Somente a partir de

1976, é que volta o poeta político e a partir de então, seus livretos são amplamente distribuídos em São Paulo e depois em todo o país (LUYTEN, p. 120, 1992).

Essa não fora a primeira menção as perseguições enfrentadas por Rafael de Carvalho. Ser perseguido fez parte da sua trajetória artística. De acordo com Luyten (1992), esse artista:

{...} ganhou um prêmio num concurso sobre Castro Alves. Quando foi recebê-lo, das mãos do então ministro Gustavo Capanema, censuraram-no por estar malvestido. Indignado, Rafael fez um discurso de protesto e, com isto, perdeu qualquer outra possibilidade de contrato artístico na Bahia (LUYTEN, p. 120, 1992).

Esse episódio o marcou profundamente, porém ao referi-lo Maria Helena Kuhner, na introdução da obra “O Boi da Paraíba”, retrata de forma não específica a perseguição sofrida por Rafael de Carvalho. A crítica feita a esse artista, sobretudo, advinda da elite intelectual não faz menção direta a perseguição que ele sofreu, o que reforça a ausência de ideais políticos na obra a que Luyten (1992) se referiu.

A obra “O Boi da Paraíba” retrata com detalhes a apresentação do folguedo popular o Boi de Reis. Na introdução faz menção a composição dos personagens, os agradecimentos dados no começo da obra ganham detalhes mais específicos quando Rafael de Carvalho cita as fontes com as quais trabalhou e de onde retirou as menções a essa brincadeira antiga, qual seja, o Boi; dançada desde há muitos anos na Paraíba. Suas fontes são principalmente a memória de outros paraibanos, para tanto, cita os nomes e as cidades dos sujeitos com quem conversou sobre tal manifestação, e agradece-os pelas informações prestadas. Nessa obra Rafael constantemente se refere a apresentação do Boi como brincadeira, talvez com o objetivo de promover a interação entre os personagens e o público, ou simplesmente para dar sentido de diversão a apresentação feita para os interessados em praticá-la.

A brincadeira se assemelha aos festejos carnavalescos e pode ser representada durante esse período, porém o autor não deixou isso claro, ou seja, quando ocorriam as apresentações. A apresentação do Boi da Paraíba, foi dirigida pelo autor três anos antes da publicação do livro, documentada na Revista Brasileira de Folclore trata-se da Revista n° 21 do mês de maio/agosto na página 177, A apresentação ocorreu na cidade da Guanabara durante os festejos alusivos ao dia do folclore. Outra menção a essa manifestação popular aparece na edição de n° 22 dessa mesma revista publicada no ano de 1968 e referente ao mês de setembro/dezembro.

Além de uma orquestra, a equipe do Boi de Reis era composta pelo Mestre, Contramestre, 1° Galante e 2° Galante além de duas damas, esse fora o primeiro grupo que ele denominou de

“*Os enfeitados*”. Existe outro grupo com três personagens de nome Mateus, Biríco e Catarina; descritos como “Os mascarados” e nas palavras desse autor “estão sempre fazendo gachimunhas no meio do circo (terreiro)”. Esses personagens são os responsáveis pela animação da apresentação. Rafael de Carvalho ainda recomendou a adição de mais dois galantes. A apresentação do Boi de Reis ganhou características descontraídas, foi nesse cenário que introduziu-se o personagem de nome Mestre, esse é o principal organizador da apresentação, porém não se limitava a essa função ele é o encarregado de providenciar apoio e autorização das autoridades policiais, na ausência desse apoio o mestre recebe autoridade de polícia durante a apresentação.

Rafael de Carvalho não se refere aos custos da apresentação do Boi, embora não se possa determinar o valor exato de quanto custava a apresentação. Se sabe que o livro ele foi impresso em papel Pólen Bold, esse tipo tem um preço relativamente elevado em comparação a outros tipos de papéis por possuir maior espessura e ter coloração amarelada. Com relação a monetarização da apresentação citemos as palavras de Rafael de Carvalho onde afirma:

Antes, já trataram o justo, que é quanto custa a brincadeira. O dono da casa, que em geral é um apaixonado pelo brinquedo, procura alojá-los bem, como dar-lhes boa comida e trata-os com muita distinção (CARVALHO, p. 17, 1971)

A brincadeira do Boi da Paraíba foi muito praticada durante os festejos carnavalescos de décadas passadas no interior desse estado, hoje se vê ameaçada de desaparecer diante de um cenário globalizado onde se destacam figuras até hoje populares difundidas pelas mídias.

O Boi da Paraíba se encontra esquecido, mas ativo. Recordado a medida que tradições passadas são lembradas, se percebem a importância de revisita-la, e por extensão são personagens admirados na cultura paraibana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade trazida com o exposição de 2011 realizada pela ONG Grupo Atitude acabou por trazer à tona esse grande personagem da nossa história, o que acabou por resultar em diversas matérias de redes de televisão, jornais e sites, deixo explícito que houve outras exposições nos anos seguintes, assim como uma homenagem prestada pela Academia de Cordel do Vale do Paraíba em 27 de julho de 2018, também se tornou comum atividades nas escolas a respeito de Rafael principalmente no mês de seu nascimento, claro que as contribuições de

Rafael vão muito além do que foi reconhecido nesse artigo, porém fica em aberto o temática para pesquisas futuras, boa parte dos documentos utilizado se encontram disponíveis online, existe a intenção de disponibilizar todo o acervo de obras de Rafael para consultas online inclusive a maior parte das obras já se encontram digitalizadas.

O Grupo Atitude como um todo continua ativo e tem como principal papel o gerenciamento de três bibliotecas comunitárias na cidade de Caiçara-PB. Jocelino Tomaz de Lima (coordenador do Grupo Atitude), que foi o principal responsável pela pesquisa das obras do autor Rafael de Carvalho, atualmente se encontra engajado na pesquisa de outro paraibano de nome artístico Jackson do Pandeiro onde inclusive chegou a realizar palestras e coordenar junto a membros do Grupo Atitudes uma exposição sobre esse tema no campus III da UEPB no dia 21 de agosto de 2019.

REFERENCIAS

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CARVALHO, Rafael. **Boi da Paraíba**. Gráfica Mar, 1971.

CERTEAU, Michel. A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CURRAN, Mark Joseph. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LE GOFF, Jacques. Passado/Presente. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 179-203

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1990, p. 4-13

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUYTEN, Joseph Maria. **A Literatura de Cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992, p. 39-62

THOMPSON, Edward Palmer. A História vista de baixo. In: THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organização Antônio Luigi Negro e Sergio Silva. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

JORNAIS

As chifradas de Rafael de Carvalho. **Luta Democrática**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 5729, caderno 2, p. 3, 27 set. 1972. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/030678/51695> Acesso em: 08 set. 2019.

‘Boi da Paraíba’. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano 47, n. 14430, p. 13, 28 abr. 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/112518_04/41982 Acesso em: 08 set. 2019.

Folclore atrai ator da TV. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 75, n. 131, 1º caderno, p. 10, 8 jun. 1965. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_08/69549 Acesso em: 08 set. 2019.

Folclore: entre a memória e a esperteza. **Opinião**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 20, 8 out. 1973. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/123307/1082> Acesso em: 08 set. 2019.

Fugiu de casa, passou fome... e acabou na televisão! **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 30, n. 11473, 11 abr. 1960. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/2659 Acesso em: 08 set. 2019.

O herói de Chico City. **Opinião pública**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 110, 6 abr. 1974

O pesquisador. **Veja**. Edição 264. 26/09/1973. P.111.

Rafael de Carvalho venceu de teimoso. **Intervalo**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 28, 21 jul. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/109835/2013> Acesso em: 08 set. 2019.

ZANDRON, Eduarda. Do que é feito nosso folclore. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 54, n. 15979, 02 nov. 1973. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/110523_06/116108 Acesso em: 08 set. 2019.

Documentos online do Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN)

Arquivo Nacional BR AN.RIO TN.CPR.PTE 1448, (BR RJANRIO TN.CPR.PTE.1448 - é muito socó prá um só socó coçar.) 22/03/1971. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_RJANRIO_TN/CPR/PTE/1448/BR_RJANRIO_TN_CPR_PTE_1448_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Encaminhamento Nº 0201/SISA CISA-ESC RCD, Arquivo Nacional AC ACE 47795/72 ANF 1/1, (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.72047795 - Maria Eunice Queiroz Chaves) 11/07/1972. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/72047795/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_72047795_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Encaminhamento Nº 05119/72/ARJ/SNI, Arquivo Nacional AC ACE 48223/72 CNF 1/1, (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.72048223 - comitê cultural do partido comunista brasileiro.) 24/07/1972. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/72048223/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_72048223_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Informação Nº 11816/72/ARJ/SNI, Arquivo Nacional AC ACE 51325/72 SEC 1/1 (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.72051325 - infiltração comunista nos meios de comunicações.) 15/09/1972. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/72051325/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_72051325_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Informação Nº 663/S-102-, Arquivo Nacional AC ACE 11404/80 CNF 1/1 (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.AAA.80011404 - apresentação de peça teatral infantil com doutrinação comunista.) 08/09/1980. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/AAA/80011404/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_80011404_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Informação Nº 70/71/ARJ/SNI, Arquivo Nacional ARJ ACE 8818/83 SEC 1, (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.CCC.83008818 - infiltração comunista no magistério. in si 003 t.) 15/09/1971. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/CCC/83008818/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_CCC_83008818_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

Informe Nº 2947/116/ASP/01, Arquivo Nacional ASP ACE 9464/81 CNF 1/1, (BR DFANBSB V8.MIC, GNC.EEE.81009464 - reimpressão do jornal Voz Operaria em São Paulo.) 30/11/1981. Disponível em:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/BR_DFANBSB_V8/MIC/GNC/EEE/81009464/BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_81009464_d0001de0001.pdf Acesso em: 08 set. 2019.

ANEXOS



Capa do livro Boi da Paraíba de Rafael de Carvalho de 1971.



Apresentação do Boi da Paraíba, destaque para Rafael de Carvalho em primeiro plano



Personagem Coronel Coriolano Ribeiro representado por Rafael de Carvalho na novela Gabriela do ano de 1975.



Personagem Cazuzza representado por Rafael de Carvalho na novela Saramandaia do ano de 1976.





Exposição sobre Rafael de Carvalho realizada pelo Grupo Atitude em maio de 2011